

# DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E O SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES

Joelma Cerqueira Fadigas<sup>20</sup>

## Resumo:

O artigo em questão trata da história do desenvolvimento científico no Brasil a partir do início das atividades científicas e posterior ao nascimento da universidade moderna. Nele apresento um resumo das mais antigas instituições de ensino superior mesmo antes do conceito de universidade como o ambiente onde se realiza não apenas o ensino, mas também a pesquisa e a extensão acadêmicas. Partindo posteriormente para uma breve análise sobre o surgimento da ciência no Brasil sob a ótica das discussões acerca de qual seria a instituição que primeiro desenvolveu o ensino superior no país como universidade em seu sentido pleno. A metodologia empregada na realização desta pesquisa envolve uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, através da qual a história da ciência é apresentada.

**Palavras-Chave:** História, Universidades, Brasil

**Abstract:** The article in question deals with the history of scientific development in Brazil from the beginning of scientific activities and after the birth of the modern university. In it, I present a summary of the oldest higher education institutions even before the concept of the university as the environment where not only teaching takes place, but also academic research and extension. Leaving later for a brief analysis of the emergence of science in Brazil from the perspective of discussions about which would be the institution that first developed higher education in the country as a university in its fullest sense. The methodology used in carrying out this research involves a qualitative research of a bibliographic nature, through which the history of science is presented.

**Keywords:** History, Universities, Brazil

## Introdução

Apesar de alguns autores considerarem a manipulação de produtos naturais e a execução de práticas de conservação de alimentos e de agricultura realizada pelos povos indígenas que aqui viviam antes da chegada dos portugueses, como prova da prática de ciência em território brasileiro; a maior parte dos artigos sobre o desenvolvimento da ciência brasileira toma como referencial o ano de 1500.

Viviane São Bento em seu trabalho intitulado “A companhia de Jesus e a cultura científica nos tempos da colônia” (São Bento, 2013, p. 7) afirma que houve uma contribuição dos jesuítas

---

<sup>20</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: joelma@ufrb.edu.br

para a ciência no Brasil, já que estes quando aqui chegaram não encontraram as mesmas condições de vida existentes na Europa; havendo, portanto, a necessidade de suprir carências de saúde, por exemplo, com o que se dispunha na natureza. Em geral, isto era feito utilizando-se também do conhecimento adquirido pelos jesuítas através do contato destes com os povos indígenas.

A atuação dos jesuítas durante o período das missões promoveu o desenvolvimento da ciência no Brasil em diferentes áreas: matemática, astronomia, medicina e na química. E os jesuítas, incumbidos pela coroa portuguesa de catequisar os índios brasileiros, foram aqueles que primeiro ofereceram no Brasil colônia um modelo de educação formal.

O Brasil é um país jovem e, em relação à pesquisa científica, nosso país é mais jovem ainda comparando-a a nações europeias cujas atividades de pesquisa contam com mais de meio século de história (FARIAS, NEVES, & SILVA, 2011, p. 13). Além disso,

Como único país das Américas colonizado por portugueses, o Brasil terminou por ser vítima da política daquela metrópole com relação às suas colônias, nas quais se impedia a criação de centros de ensino, sobretudo em nível superior, por se temer que tal iniciativa poderia contribuir a médio e longo prazos, para a formação de uma elite esclarecida, a qual lutaria pela independência (FARIAS, NEVES, & SILVA, 2011, p. 13).

Deste modo, o Brasil viu-se por mais de três séculos após o descobrimento, privado da existência de centros de ensino superior (FARIAS, NEVES, & SILVA, 2011, p. 13). O que dificultou o florescimento de uma cultura científica. Segundo estes autores, José Bonifácio em seu livro “Projetos para o Brasil”, já se preocupava com o parco desenvolvimento científico brasileiro e pontuou que “No Brasil, as ciências e as boas letras estão por terra, tudo o que interessa é vender açúcar, café, algodão, arroz e tabaco” (FARIAS, NEVES, & SILVA, 2011, p. 14).

Apenas no período colonial, quando o Brasil se encontrava em situação de dependência econômica, política e cultural de Portugal que a universidade surge no país. Antes disso, desde a chegada dos inicianos para catequisar os habitantes locais, que o ensino na colônia portuguesa era realizado pelos jesuítas de modo a alfabetizar os índios, facilitando assim a comunicação e a catequese. E, apesar da existência de escolas jesuíticas e do surgimento da Escola Médico Cirúrgica na Bahia, para alguns não havia necessidade de universidades em território brasileiro; isso resultou no fato de que o ensino superior no país avançasse muito lentamente, diferente do que ocorria em outros países.

Uma questão que amiúde se discute a respeito de uma inexistência de uma ciência colonial brasileira, mesmo que de natureza empírica ou descritiva, é a ausência de universidades no Brasil. Com efeito, as

colônias espanholas dispunham de várias universidades, algumas datando de mais do primeiro século da colonização (FILGUEIRAS, 1990, p. 224).

Para maior compreensão do desenvolvimento da ciência no Brasil no período colonial, devemos voltar nossa atenção para os acontecimentos referentes à ciência no mundo.

E, para que essa proposta seja melhor entendida, esse texto discutirá como a instituição universidade chega ao Brasil e quais os impactos disto no desenvolvimento científico brasileiro, apresentando o surgimento do ensino superior no Brasil desde o período colonial.

### **O surgimento das “universidades” no Brasil**

No século XI já existiam universidades e, segundo um estudo científico na Europa Ocidental, as primeiras universidades foram fundadas na Itália e na França, no século XI (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008, p. 112). A primeira universidade de que se tem notícia foi a Universidade de Bolonha fundada em 1088 e este termo “universidade” tem origem em sua criação.

Todavia, a instituição de ensino que, no Ocidente, veio a ser nomeada como ‘universidade’ emergiu nos tempos medievais (SANTOS, 1995 apud (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008, p. 112)).

As primeiras universidades chamadas Madrasahs<sup>21</sup>, surgem como instituições religiosas do mundo islâmico medieval e, dentre estas, a universidade considerada como a mais antiga universidade do mundo é a Universidade de al Quaraouiyine ou Al-Karaouine em Fes, no Marrocos, fundada em 859 d.C. por Fatima al-Fihri e reconhecida mundialmente por seus estudos em ciências naturais.

A universidade medieval chega à era moderna com uma estrutura curricular rígida, composta por duas Faculdades (Teologia e Direito), a depender da maior ou menor influência da religião sobre o Estado. No século XV, em diversos países, escolas médicas foram incorporadas ao panteão universitário como Faculdade de Medicina. A estas três Faculdades Superiores (daí a origem do nome educação superior para o ensino universitário), a emergência do racionalismo iluminista determinou a agregação de centros de formação científica, inicialmente disfarçados como Faculdades de Filosofia, chamados de faculdades inferiores. A formação profissional tecnológica permanecia fora das universidades, sendo no máximo objeto

---

<sup>21</sup>Madrasah palavra árabe que significa 'aprender, estudar'. Refere-se a uma casa de estudos islâmicos. Traduzida também como Madraça ou Madrassa ou ainda Madrassa

das escolas militares para as proto-engenharias ou de iniciativas isoladas de base estatal, como a famosa Escola de Sagres para as artes náuticas (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008, p. 115).

A tabela abaixo mostra a relação de algumas instituições de ensino superior consideradas as mais antigas do mundo.

**Tabela 01: As Instituições de Ensino Superior mais antigas do mundo.**

Universidade	Data da fundação	Localizada em	OBS.:
Universidade de Al-Quaraouiyine ou Al-Karaouine	859 d.C	Fes, Marrocos	Primeira instituição de ensino superior do mundo.
Universidade de Bolonha	1088	Itália	Primeira instituição de ensino superior da Europa Ocidental.
Universidade de Paris	Aproximadamente em 1096	França	Separada em 13 universidades autônomas (1970).
Universidade de Oxford	1096 - Data exata desconhecida	Inglaterra	Estima-se que as aulas comecem antes deste período.
Universidade de Cambridge	1209	Inglaterra	Segunda universidade mais antiga da língua inglesa.
Universidade de Salamanca	1218	Salamanca, Espanha	Recebeu o título de Universidade pelas mãos do Papa Alexandre IV em 1225.

Universidade de Pádua	1222	Itália	Segunda Universidade mais antiga da Itália
Universidade de Coimbra	1290	Portugal	Criada em Lisboa, depois foi transferida para Coimbra.
Universidade de Halle <sup>22</sup>	1694	Alemanha	Primeira universidade “moderna”

Fonte: Elaboração própria (2016) a partir da informação constante nos sites das Universidades referenciadas.

Considera-se a Universidade de Bolonha na Itália como a Universidade mais antiga do mundo<sup>23</sup> apesar de que antes de sua criação outras instituições de ensino superior já existirem, como as instituições religiosas do mundo islâmico medieval.

Segundo MAAR (2004) no século XV “o currículo das universidades europeias era notavelmente uniforme” a formação se dava através de um bacharelado

Concluía-se um “1º grau” com um bacharelado em uma das sete artes liberais (as três do trivium e as quatro do quadrivium, seguindo-se um curso de “2º grau” em uma das faculdades tradicionais: teologia, direito, medicina). No século XVI (século em que a química era prática e ausente da universidade), não houve reforma mas simplesmente uma ampliação dos conteúdos (MAAR, 2004, p. 45).

No fim do século XVI com o surgimento do Humanismo, movimento que buscava “resgatar as grandes obras da Antiguidade Greco-romana, que durante a Idade Média, permaneceram em poder dos monges em conventos e mosteiros” (Scheffer, 1997, p. 33), foram introduzidos nas escolas o estudo do grego e do latim e iniciou-se uma maior preocupação com a análise e a interpretação nas investigações científicas. O Humanismo era um movimento proveniente da burguesia e seus líderes em geral eram homens cultos, tais como professores e médicos.

Com a valorização da ciência experimental e o surgimento do método científico de Francis Bacon, filósofo e cientista inglês considerado um dos precursores do método científico

<sup>22</sup>A Universidade de Halle é a primeira universidade que segue preceitos do iluminismo, e com isso torna-se a primeira universidade “moderna”. Mas a primeira universidade iluminista é a Universidade de Göttingen, fundada em 1737 pelo rei Jorge II (1683-1760) da Inglaterra (...) (MAAR, 2004, p. 57).

<sup>23</sup> Esta universidade seria a mais antiga do mundo ocidental

moderno, o século XVII surge com uma busca pela racionalidade como forma de explicar os fenômenos naturais, “através do experimento, da observação e da interpretação meticulosa dos resultados, baseadas na razão” (Scheffer, 1997, pp. 34 - 35).

No século XVII com a criação das primeiras academias científicas ocorreu o que podemos chamar de institucionalização das ciências, houve “uma reformulação dos estudos com ênfase na diferenciação e na especialização.” (MAAR, 2004, p. 45)

(...) a ciência assumiu novos modelos de estudo e conseqüentemente de ensino, derivados do mecanicismo racionalista de Descartes (“a verdade está em nós e não nas coisas”, proposição que aponta no mesmo sentido que o conhecido cogito ergo sum) por um lado, e do empirismo e indutivismo de Francis Bacon e John Locke (nihil est in intellectu quod non ante fuerit in sensu) por outro, e influenciados pelo pensamento pedagógico de Ratke e Comenius e pelas ideias de Montaigne, Vives, Wolff, Thomasius, entre outros. No que se refere ao ensino das ciências e das técnicas, a resultante é o que denominamos hoje de realismo pedagógico, que preconiza que os fatos e conhecimentos devem ser apresentados antes das teorias explicativas ou, na melhor das hipóteses, ao mesmo tempo que estas (MAAR, 2004, p. 46).

Em 1694 é fundada pelo futuro rei Frederico I da Prússia (1657-1713) a primeira universidade moderna, a Universidade de Halle, o surgimento desta instituição baseada no realismo pedagógico foi um marco para o ensino superior de ciências, pois

nessa fundação abandonou-se a autoridade eclesiástica e a dos textos canônicos, substituindo-os por uma visão objetiva e racional das disciplinas a lecionar; os currículos tornam-se flexíveis, os professores adquirem liberdade de pesquisar e ensinar, abolindo-se o latim como língua docente, e os seminários entram no lugar das disputações (MAAR, 2004, p. 47).

Durante o século XVIII, é o Iluminismo que dá o tom das ciências, reafirmando o comportamento racional e criticando a monarquia e a Igreja. Baseado no Racionalismo de René Descartes, este movimento clama pela liberdade de expressão e pela liberdade política. Surgem então as Revoluções Liberais, movimentos que se espalharam pela Europa os quais contestavam as instituições vigentes e defendiam novos ideais. A Revolução Francesa foi um destes movimentos e tinha como lema a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade<sup>24</sup> entre os povos. Estes

(...) foram movimentos marcados pela revolta de grupos da sociedade, pertencentes principalmente à classe emergente, que possuía poder econômico, mas que buscava maior espaço político. Concomitantemente às revoluções de caráter político, uma outra, também com grandes repercussões, ocorreu a nível econômico-social, a chamada Revolução Industrial (Scheffer, 1997, p. 38).

---

<sup>24</sup> Liberté, Egalité et Fraternité

Em seguida surge a Revolução industrial que teve início na Inglaterra no final do século XVIII e ficou restrita a este país por certo tempo, depois se espalhou para a Europa e os Estados Unidos. É considerada por historiadores como o evento mais importante da história da humanidade depois da descoberta do fogo, desde a prática da agricultura e a domesticação dos animais pelo homem.

Vários fatores influenciaram a Revolução Industrial, dentre eles pode-se citar: o aumento demográfico devido à maior taxa de natalidade e diminuição da taxa de mortalidade, ocasionando um aumento na disponibilidade de mão de obra para o trabalho; o êxodo rural impondo ao homem do campo a necessidade de se sustentar nas grandes cidades; transição de métodos de produção artesanais para a produção com a utilização de máquinas – mais rápidas e eficientes que o homem, dentre outros fatores;

O desenvolvimento tecnológico que se seguiu à Revolução Industrial exigiu um novo paradigma acadêmico que podemos chamar de universidade científico-tecnológica (denominada de *research university* pelos norte-americanos). De fato, a universidade de arte-cultura não era capaz de prover o substrato tecnológico, bem como as bases intelectuais em termos de treinamento profissional e administrativo imprescindível ao novo regime produtivo (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 123).

Contudo, a química como atividade acadêmica “não estava ainda estabelecida no século XVIII, havendo diante dela uma diversidade de posturas.” A ciência química ainda era considerada inadequada para ocupar um lugar de destaque no ensino superior, “pois no lugar de elegância literária e de belas bibliotecas, ela oferecia a fuligem, o mau cheiro e a poeira dos fornos, destiladores e outros equipamentos” (MAAR, 2004, p. 49).

Mas ainda no século XVIII em muitas universidades tentou-se banir a química experimental da universidade ou pelo menos das faculdades de filosofia. Otto Bernhard Kuhn (1800-1863) assumiu em 1830 a cadeira de química na faculdade de medicina da Universidade de Leipzig, escrevendo que “o laboratório e as demonstrações públicas encontraram resistências no seio da Universidade” (...) (MAAR, 2004, p. 49).

Quanto ao ensino das ciências, especialmente em relação ao ensino de química no

Brasil colonial a pesquisadora Elisabeth Scheffer afirma que:

Durante todo o período colonial não existiu ensino ou pesquisa científica em química no Brasil, havendo apenas registro de um pequeno número de estudantes brasileiros que ao realizarem estudos fora do país, principalmente em Portugal, adquiriram conhecimentos nessa área. Mesmo em Portugal, a química passou a ser estudada apenas a partir de 1772, com a criação da Faculdade de Filosofia na Universidade, de Coimbra. Na época, não havia (sic) químicos no país, sendo então convidado o italiano Domingos Vandelli, doutor em

Filosofia pela Universidade de Pádua, para dirigir esse ensino (Scheffer, 1997, p. 61).

Entre os brasileiros que foram alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, podemos destacar Alexandre Rodrigues Ferreira, Vicente Coelho de S. Silva Telles, José Bonifácio de Andrade e Silva e Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (SCHEFFER, 1991, p. 61).

A universidade enquanto instituição de ensino superior entra em declínio durante o século XVIII podendo ter contribuído para tal descrédito sua “origem religiosa e escolástica” ou ainda o “dogmatismo vigente na maioria dessas instituições e, por último, devido a certo anacronismo de conteúdos, métodos e interesses” (MAAR, 2004). Na opinião de Maar,

Outras instituições acadêmicas produziram mais química (e ciência em geral) do que as universidades. Na França, tal dicotomia ainda está presente no século XVIII, com as “grandes escolas” desenvolvendo a pesquisa científica mais do que as universidades. Entre essas entidades acadêmicas produtoras de conhecimento químico, e nas quais desde sua criação se ensinava química, estão as escolas de minas, surgidas numa época em que a mineração e a metalurgia constituíam tecnologias de ponta, para as quais a química era imprescindível (MAAR, 2004, pp. 51 - 52).

Para o autor, o ensino dogmático, rígido e livresco das instituições de ensino superior da época era um fator que afastava a química do ensino superior com atividades desenvolvidas quase que exclusivamente de modo empírico.

Mesmo estando as ciências (inclusive a química) num estado ainda incipiente de sistematização, elas procuravam as universidades, visando nelas se integrarem, mas encontravam uma oposição forte por parte das disciplinas humanísticas e clássicas que ali prevaleciam, pois a ciência só era necessária enquanto útil para a defesa de princípios teológicos ou filosóficos. (MAAR, 2004, p. 52)

Em relação à academia, Maar afirma que “o século XVIII presencia o declínio de muitas universidades, algumas bastante antigas, (...) universidades nas quais os dogmatismos religiosos foram substituídos por provincianismos e interesses locais quase tão dogmáticos como os anteriores” (MAAR, 2004, p. 53). Exceto as novas universidades de Halle (1694), Göttingen (1737) e Erlangen (1743) criadas sob a influência do Iluminismo.

O iluminismo marcou, ao mesmo tempo, o fim da universidade medieval-escolástica e humanista-clássica, e o surgimento da nova universidade liberal, científico-tecnológica. Movimento cultural e político-social preparado pelo Renascimento e pela Reforma, o iluminismo visava libertar o homem dos grilhões da ignorância mediante o esclarecimento promovido pelo exercício da razão crítica, com isso visava criar cidadãos livres. (MAAR, 2004, p. 54)



Para a ciência química, o Iluminismo “trouxo importantes vantagens no caminho de sua equiparação a outras ciências” mais consolidadas, passando a ter seus próprios campos de atuação (MAAR, 2004, p. 56). Além disso, sua aceitação nas universidades não mais como mera ferramenta para as outras ciências, proporcionou o status tão almejado por seus estudiosos e defensores. Tal fato resultou num ganho importante para o desenvolvimento científico já que a ciência química deixa de ser considerada apenas uma ferramenta de utilidade para a execução de tarefas de interesse do estado.

Já no final do século XVIII, “ao contrário da Europa onde despertou a busca à experimentação, o positivismo não teve a mesma influência sobre a atitude dos brasileiros diante da ciência, sendo raras as produções originais, continuando-se a reproduzir obras e experimentos já realizados” (Scheffer, 1997, p. 79). A ausência de instituições de ensino superior no Brasil também não ajudou o país a ter um maior desenvolvimento científico e/ ou crescimento na publicação de obras de natureza científica; apesar do grande número de manuais sobre a variedade de espécies da fauna e da flora brasileira, escritos por diferentes autores europeus que por aqui passaram.

No Brasil, a história da criação da universidade é marcada por certa resistência por parte da elite brasileira e de Portugal, “como reflexo de sua política de colonização” (FÁVERO, 2006, p. 20). Devido à ausência de universidades brasileiras, todos aqueles graduados pelas escolas jesuíticas eram enviados para a universidade de Coimbra em Portugal ou outras instituições europeias, para completar seus estudos superiores.

“Todos os esforços de criação de universidades, nos períodos colonial e monárquico, foram malogrados, (...) mesmo como sede da Monarquia, o Brasil consegue apenas o funcionamento de algumas escolas superiores de caráter profissionalizante” (FÁVERO, 2006, p. 20). Como a Escola Médico Cirúrgica, criada na Bahia em 1808 e a Academia Real Militar fundada no Rio de Janeiro no ano de 1810.

A questão do ensino dizia respeito a uma outra lógica. O Brasil passara a ser de súbito, o centro do reino. Haveria que desenvolver conhecimentos, disseminar informações, estabelecer serviços e produzir profissionais que respondessem a demanda de seu novo estatuto político. Dom João VI não estava interessado em universidades (RISÉRIO, 2013, p. 99).

As escolas que criava se voltavam para as formações especializadas e preparo de pessoal capaz de atender às necessidades da corte conforme atestam diferentes autores (MONIZ, 1923; Filgueiras, 1990; TEIXEIRA, 2001; RISÉRIO, 2013).

Apesar de não ser este o momento de criação de uma universidade brasileira, alguns autores consideram a Escola de Cirurgia da Bahia como o embrião da universidade baiana;

outros, no entanto, discordam de tal afirmação, justificando que uma universidade não é constituída de um aglomerado de Faculdades Superiores.

Mas de acordo com SANTOS & ALMEIDA FILHO (2008, p. 131) “Todas essas prestigiosas e arcanas instituições celebram como data de fundação o início das atividades de seu primeiro núcleo institucional, em geral dois a três séculos antes da formalidade estatuinte que lhes concedeu o status jurídico de universidade.”

E argumenta, em defesa da universidade baiana que as universidades brasileiras devem passar a adotar como data de sua fundação o início das atividades acadêmicas plenas (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008, p. 132). Entretanto, ainda há uma discordância entre diferentes pesquisadores sobre qual seria a instituição de ensino superior brasileira mais antiga e ainda hoje algumas instituições tomam para si tal título levando a inúmeros debates entre historiadores.

SANTOS & ALMEIDA FILHO (2008) afirmam que o “nascimento” por assim dizer das mais antigas universidades aconteceram em escolas superiores e, por tal motivo, a Universidade Federal da Bahia pode ser considerada a mais antiga universidade do Brasil; uma vez que esta é fruto da Escola Médico Cirúrgica percussora da Faculdade de Medicina da Bahia, que por sua vez deu origem à Universidade da Bahia, federalizada em 1950 quando passa a chamar-se Universidade Federal da Bahia. Contudo, o título de universidade mais antiga do Brasil é ostentado pela Universidade Federal do Paraná, criada em 1912 e reconhecida oficialmente pela edição brasileira do Guinness Book (1995) como a primeira universidade brasileira.

Fundada oficialmente em 19 de dezembro de 1912, a Universidade Federal do Paraná iniciou suas atividades de ensino em março de 1913. E,

(...) desde a conclusão e aprovação de seus Estatutos e de sua instalação solene, em 19 de dezembro de 1912, em sessão realizada no edifício do Congresso Legislativo do Estado do Paraná, sob a presidência honorária do Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque (Presidente do Estado); com sua restauração efetiva, ocorrida em 06 de junho de 1946, pelo Decreto-Lei nº 9323 da União que reconhecia a Universidade do Paraná, num momento de incentivo à expansão de instituições de ensino superior no país e finalmente; com sua federalização, obtida em 04 de dezembro de 1950, pela Lei nº 1.254 do Governo Federal, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem o orgulho de poder dizer que é a universidade mais antiga do País (UFPR, 2016).

Mas este título é contestado por outras instituições de ensino superior já que em 1906 foi criado o Clube da Guarda Nacional do Amazonas, instituição que posteriormente viria a transformar-se na Universidade Federal do Amazonas.

O Clube da Guarda Nacional do Amazonas deu origem, em 10 de novembro de 1908, à Escola Militar Prática do Amazonas, destinado à instrução militar de oficiais da Guarda Nacional. Neste mesmo ano (1908) a Escola Militar Prática do Amazonas passa a chamar-se Escola Livre de Instrução do Amazonas e, posteriormente, é denominada Escola Universitária Livre de Manáos, criada pelo tenente-coronel do Clube da Guarda Nacional do Amazonas, Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves em 17 de janeiro de 1909. E, em 13 de julho de 1913, a Escola Universitária passa a chamar-se Universidade de Manaus. (UFAM, 2016)

No início do século XIX, afetado por uma grave crise econômica, reflexo da 1ª Guerra Mundial, o Brasil enfrenta sérios problemas no seu comércio externo, manifestados principalmente através da queda do preço do café e da borracha. (Scheffer, 1997, p. 81) Como consequência houve o declínio do ciclo da Borracha no Amazonas, tal crise afetou profundamente a Universidade de Manaus que funcionou somente por 17 anos, tendo sido desativada em 1926 restando apenas a Faculdade de Direito, mantida pelo estado como unidade isolada de ensino superior. Esta, anos depois, foi incorporada à Universidade Federal do Amazonas; criada em 12 de junho de 1962 pela Lei Federal 4.069-A, pelo presidente João Goulart. (UFAM, 2016)

A descontinuidade das atividades da Universidade do Amazonas é citada pelos defensores da Universidade Federal do Paraná como prova de que a universidade mais antiga em funcionamento no Brasil é a Universidade Federal do Paraná; pois esta não interrompeu suas atividades de ensino ao longo do tempo, atravessando as mudanças ocorridas na legislação brasileira e adaptando-se a estas.

No entanto, muito antes da criação de ambas as universidades que defendem para si o título de mais antigas do país, a Universidade Federal da Bahia inicia suas atividades; com seu início datado em 18 de fevereiro de 1808 quando o príncipe regente D. João VI chega ao Brasil e cria na Bahia a Escola de Chirurgia da Bahia, considerado o primeiro curso universitário do Brasil. A partir daí “Seguiu-se a organização da Academia Médico-Chirurgica em abril de 1813” e, segundo Teixeira (2001, p. 84), a Academia Médico-Chirurgica foi um avanço; pois na Escola de Cirurgia da Bahia, embora funcionasse num hospital, não havia apoio para o ensino prático.

Já a Faculdade de Medicina surge em 03 de outubro de 1832 com sede no Terreiro de Jesus em Salvador, Bahia local onde antes funcionava o Colégio dos Jesuítas, construído em 1553.

No entanto alguns estudiosos da área advogam que houve apenas um protagonismo baiano na luta pela criação de uma universidade no Brasil. Para Risério (2013), mesmo com a

proclamação da Independência em 1822 a universidade tão desejada continuava distante, pois nem mesmo D. Pedro II, famoso por seu afeto pelas ciências, fez mudar o panorama existente no país neste aspecto.

Em 1832, a Escola de Medicina ganhou seu título de faculdade. Com o tempo ganhamos uma Escola de Agronomia, em 1877, uma Faculdade de Direito, em 1891, e a Escola Politécnica, funcionando próxima ao relógio de São Pedro, a partir do ano de 1897. Fechamos o século XIX, portanto, com instituições de ensino superior, mas operando isoladamente, sem um projeto único e geral de universidade (RISÉRIO, 2013, p. 101).

A despeito disto, nem a Universidade Federal do Paraná, nem a Universidade Federal do Amazonas e muito menos a Universidade Federal da Bahia entraram para a história oficial como a primeira universidade brasileira. De acordo SANTOS & ALMEIDA FILHO (2008, p. 132) “a primeira universidade brasileira, enquanto projeto acadêmico e institucional pleno surgiu na década de 30 do século passado.”

A Universidade de São Paulo, criada no ano de 1934, é considerada por muitos autores como a primeira universidade instituída no Brasil “criando um paradigma nacional de instituição universitária no seu sentido mais completo e preciso” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 132). No entanto, “há controvérsias sobre essa primazia, porque vários outros autores afirmam que, a primeira universidade realmente brasileira foi a Universidade do Distrito Federal, fundada por Anísio Teixeira”(SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 133). Uma vez que a Universidade do Distrito Federal, instuída em 1935, apresentava um modelo realmente novo de universidade<sup>25</sup>, ao contrário da USP, cuja única novidade segundo SANTOS & ALMEIDA FILHO (2008, p. 133) era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Nomes como Villa-Lobos líder acadêmico na música, Cândido Portinari na pintura, Gilberto Freire na Antropologia, Josué de Castro na Sociologia, Sérgio Buarque de Holanda na História, Mário de Andrade no Folclore, Jorge de Lima na Literatura, Oscar Niemeyer na Arquitetura, e outros personagens ilustres; foram convocados por Anísio Teixeira com o desafio de criar um novo modelo de universidade, onde fosse possível “aplicar os princípios da Educação Democrática no ensino universitário.” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 133). Entretanto, considerado comunista e ameaçado de prisão, Anísio foi exonerado do cargo de Secretário de Educação do Distrito Federal e obrigado a se refugiar no interior da Bahia. Seu modelo universitário revolucionário foi entregue pelo então presidente da República Getúlio

---

<sup>25</sup>Uma universidade pautada no conhecimento nacional, no desenvolvimento e preparação dos profissionais, por meio de uma formação ampla, com base no alargamento da mente humana e no conhecimento adquirido e reelaborado intelectualmente pelos agentes, em um constante processo de construção do saber (Bertolleti, V. A., 2012, p. 551).

Vargas ao reitor interventor Alceu Amoroso Lima, com o objetivo de desmontar aquele experimento.

De acordo com Fávero (2006, p. 26) a Universidade do Distrito Federal (UDF) é extinta em 20 de janeiro de 1939 através do Decreto nº 1.063 e seus cursos são transferidos para a Universidade do Brasil (UB).

Para alguns autores a Universidade do Rio de Janeiro criada em 1920 através do decreto n. 14.343 pode ser considerada a primeira universidade brasileira apesar desta instituição de ensino ter sido criada para concessão do título de *Doctor Honoris Causa* ao príncipe da Bélgica que estava de passagem pelo Brasil, ou seja, uma necessidade diplomática. Constituída pela Faculdade de Medicina, da Escola Politécnica e das duas Faculdades Livres de Direito do Rio de Janeiro, esta instituição de ensino Superior surge somente após cinco anos por meio do Decreto n. 11.530 de 18 de Março de 1915, que autoriza a organização de Universidade no Brasil.

Art. 6º O Governo Federal, quando achar oportuno, reunirá em Universidade as Escolas Polytechnica e de Medicina do Rio de Janeiro, incorporando a ellas uma das Faculdades Livres de Direito dispensando-a da taxa de fiscalização e dando-lhe gratuitamente edificio para funcionar (BRASIL, 1915).

Este mesmo decreto informa que o governo manterá “uma faculdade official de Medicina no Estado da Bahia e outra no Districto Federal; [...]”, ou seja, a Bahia não veria a criação de sua universidade nesta época.

Em 1946 surgem a Universidade de Recife e a Universidade da Bahia, esta última é hoje conhecida por Universidade Federal da Bahia. “Instituídas por decretos legislativos, com estruturas de gestão e de ensino muito semelhantes, [...] todas emulavam o modelo institucional e pedagógico da Universidade de Coimbra, copiando até mesmo rituais acadêmicos e vestes talares” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 134).

Mas é somente em 1960 que “o modelo de universidade de pesquisa científico-tecnológica chegou ao Brasil” (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2008, p. 135). Desenvolvido por Anísio Teixeira, tal modelo era considerado revolucionário para a época, pois

(...) a UnB já nascia sem a cátedra vitalícia, com programas de ensino baseados em ciclos de formação geral, organizada em centros por grandes áreas do conhecimento (portanto, sem faculdades superiores). Infelizmente, o regime militar que tomou o poder depois do golpe de 1964, entre suas primeiras medidas, ocupou militarmente a UnB, destituiu e exilou Anísio Teixeira, então Reitor, e decretou uma intervenção na instituição que culminou com a demissão da maioria dos docentes e pesquisadores (Salmeron, 1998). Apesar de ter sido a única universidade brasileira de porte que, em sua proposta original, não pretendia emular a universidade européia como modelo ideal, submetida à intervenção militar, a UnB terminou acomodando-se à estrutura

administrativa e curricular vigente no país (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 135- 136).

Como se vê, várias instituições tomam para si o crédito de ter sido a pioneira no ensino superior brasileiro sob a égide dos princípios universitários; mas, a despeito disso a ciência brasileira pouco se beneficiou da criação das escolas superiores após 1808.

## Considerações finais

Apesar da contribuição inócua, a concretização do desejo de um ensino superior no Brasil só se torna realidade com a criação das escolas superiores da Bahia e do Rio de Janeiro após a chegada de D. João VI ao país. Estas posteriormente dão origem às Universidades da Bahia e do Rio de Janeiro, ambas federalizadas na década de cinquenta. Entretanto, não há consenso entre os pesquisadores da área sobre qual seria a Instituição de Ensino Superior mais antiga do Brasil, a Universidade do Rio de Janeiro é considerada a primeira universidade brasileira por ter sido criada após a reforma de Carlos Maximiliano cujo decreto n. 11.530 autoriza a criação de universidades federais

Por fim, salientamos que as discussões aqui apontadas são percepções que implicam entender e rever uma caminhada complexa. Observamos que as Universidades da Idade Média foram precursoras e contribuíram para a criação das demais instituições de ensino superior, inclusive as atuais. O momento histórico, político, social e cultural esboça a forma de atuação e as funções que a Universidade cumpre, pois ela é parte fundamental na construção de um novo país.

### Referências

BRASIL, Decreto nº 11.530. Diário Oficial da União - Seção 1 - 20/3/1915, p. 3028. Rio de Janeiro, RJ. Março de 1915

FARIAS, R. F., NEVES, L. S., & SILVA, D. D. *História da Química no Brasil* (4 ed.). Campinas, São Paulo, Brasil: Átomo, 2011.

FÁVERO, M. L. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *EDUCAR*, 17 - 36, 2006.

FILGUEIRAS, C. A. Origens da Ciência no Brasil. *Química Nova*, 222 - 229, 1990.

- MAAR, J. H. Aspectos históricos do ensino superior de química. *scientiæ zudia, São Paulo*, 2, 33 - 84, 2004.
- MONIZ, G. *A medicina e sua evolução na Bahia: Do número especial do Diário Oficial, de 02 de julho de 1923, comemorativo do Independência da Bahia*. Salvador, Bahia: Imprensa Oficial, 1923.
- RISÉRIO, A. *Edgard Santos e a Reinvenção da Bahia* (1 ed.). Rio de Janeiro: Versal, 2013.
- SANTOS, B. S., & ALMEIDA FILHO, N. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008.
- SANTOS, B. S., & ALMEIDA FILHO, N. A. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008.
- SÃO BENTO, V. M. A Companhia de Jesus e a Cultura Científica nos Tempos da Colônia. *XXVII Simpósio Nacional de História*, pp. 1 - 13, 2013.
- SCHEFFER, E. W. *Química: Ciência e Disciplina Curricular, uma Abordagem Histórica*. Curitiba, Paraná, Brasil, 1997.
- TEIXEIRA, R. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943 - 1995)* (3a. ed.). Salvador, Bahia: EDUFBA, 2001.
- UFAM. *Universidade Federal do Amazonas: Nosso maior patrimônio Desde 1909*, 2016. Acesso em 20 de Dezembro de 2016, disponível em [http://www.ufam.edu.br/?option=com\\_content&view=article&id=132&Itemid=105](http://www.ufam.edu.br/?option=com_content&view=article&id=132&Itemid=105)
- UFPR. *Universidade Federal do Paraná A mais antiga do Brasil*. (Desenvolvido em Software Livre e hospedado pelo Centro de Computação Eletrônica da UFPR), 2016. Acesso em 20 de Dezembro de 2016, disponível em <http://www.ufpr.br/portalufpr/>: <http://www.ufpr.br/portalufpr/a-mais-antiga-do-brasil/>